

## Identidade e repertórios musicais: a construção de um trabalho interdisciplinar com estudantes do oitavo ano de uma escola pública

### Comunicação

*Ana Francisca Schneider Grings  
Colégio de Aplicação da UFRGS  
anagringsufrgs@gmail.com*

*Vivian Ignes Albertoni da Silva  
Colégio de Aplicação da UFRGS  
vivianignes@gmail.com*

**Resumo:** O presente relato de experiência trata de uma atividade que está acontecendo em duas turmas de 8º ano, envolvendo os componentes curriculares de Música e de Literatura e Língua Portuguesa, em 2021, 2022 e 2023. O principal objetivo é a criação de espaço-tempos de aprendizado nos quais tanto docentes quanto estudantes contribuam para o processo de ensino-aprendizado através da troca de conhecimentos e experiências, e criando oportunidades para que novos elementos à disposição influenciam a composição de suas identidades - pessoais e dos grupos que frequentam na escola e fora dela. Isso se traduziu, em sala de aula, através de a) interdisciplinaridade – o estabelecimento de relações entre diferentes campos do conhecimento e b) estudo de repertório selecionado de Música Popular Brasileira. As aulas envolveram apreciação musical, elementos do contexto sócio-histórico, análise estilística e linguística de canções brasileiras e estrangeiras de diferentes décadas a partir dos anos 1950. A atividade é atualizada a cada ano, incluindo novas relações culturais e alterando o repertório a partir de observações das e dos estudantes e das docentes. Entre os resultados observados até agora estão: o enriquecimento dos conhecimentos sobre a produção musical (MPB e POP) por parte de estudantes e docentes, com troca de referências; resgate de canções que foram populares no século XX e têm importância identitária para as famílias das e dos estudantes; maior compreensão dos elementos sócio-culturais envolvidos na produção musical ocidental a partir da segunda metade do século XX, com especial foco no Brasil.

**Palavras-chave:** Identidade, Música Popular, Interdisciplinaridade

Construir um vínculo e estabelecer uma relação de confiança com as e os estudantes é o que dá início a este trabalho. Ao abrir espaço em sala de aula do oitavo ano para ouvir o que cada estudante tem em sua *playlist*, um ambiente de múltiplas sonoridades e estéticas foi criado.

A diversidade cultural dos e das estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS é grande: eles e elas ingressam na escola por meio de um sorteio público; alguns estudam na

escola desde os anos iniciais e outros ingressam no oitavo ano, quando se amplia o número de turmas; os e as estudantes residem em diferentes partes de Porto Alegre ou em sua região metropolitana. Essa diversidade traz uma riqueza de características que são exploradas em diversos momentos do currículo escolar, pois é acordado nessa escola que cada estudante deve ter a oportunidade de construir seu próprio caminho no espaço escolar, e para isso se faz necessário incorporar suas experiências de vida no planejamento do processo de ensino-aprendizagem.

Com o objetivo de trabalhar o conceito de *identidade*, os diferentes componentes curriculares do oitavo ano do CAP-UFRGS criam e se engajam em projetos e propostas de ensino que promovam essa discussão. Essas atividades integradas podem ser planejadas conjuntamente pelas e pelos docentes, ou acontecerem espontaneamente a partir dos conteúdos abordados no trimestre - que dialogam com o conceito de *identidade* -, dando oportunidade a que relações interdisciplinares sejam estabelecidas, por docentes e estudantes, no decorrer das aulas.

A faixa etária dos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental é um importante momento de busca de identidade e legitimação: com média entre 13 e 15 anos, trata-se de momento de transição entre infância e adolescência, do pensamento concreto ao abstrato, de reorganização cerebral e corporal intensa, da busca por grupos e parcerias para o estabelecimento de laços sociais e afetivos. O que se percebe hoje é que as gerações mais recentes estão enfrentando o desafio de viver esse momento sob forte influência das redes sociais e aplicativos em geral, que estão presentes e à mão o tempo inteiro nos aparelhos celulares. Infelizmente, prejuízos como o desejo por alcançar os padrões estéticos da cultura de massa, que sempre esteve no horizonte das e dos adolescentes desde o advento do cinema, transformou-se em obsessão a partir da influência da internet, que cria mitos e *fakes* - como os tais ideias de beleza e pertencimento (irreais, comerciais e massificados).

O uso dos celulares é cada vez maior nos espaços escolares e o aparelho se apresenta quase como uma extensão das mãos. Famílias e docentes percebem a necessidade da juventude de estar constantemente conectada para não perder uma novidade, uma mensagem ou a nova *trend* do momento. Esse contato contínuo com o mundo sem fronteiras da internet poderia sugerir que a geração atual acessa as formas mais variadas de

entretenimento e cultura; no entanto, o que se observa é que essa variedade a que estão expostos é limitada pelos algoritmos das redes sociais, que direcionam as postagens vistas de acordo com interesses comerciais e cada vez mais focados em pesquisas feitas - ou seja, aquilo que já é conhecido -, oferecendo mais do mesmo. Percebemos que nossas e nossos estudantes são expostos a poucos gêneros musicais e, muitas vezes, a trechos curtos de músicas utilizados sem contexto, como pano de fundo para vídeos de danças, memes e animais fazendo coisas engraçadas.

De forma alguma estamos dizendo que a internet em si é algo ruim; o que estamos apontando é que, como a identidade de cada pessoa é uma subjetividade atravessada por influências, acreditamos que a nossa tarefa de professoras na segunda década do século XXI também é **oferecer possibilidades de ampliação de horizontes culturais**. Quanto mais variedade de referências uma pessoa tiver, maiores as chances de que suas buscas não fiquem limitadas apenas à bolha do algoritmo e das ofertas comerciais; além disso, fica implícito no processo que a sociedade é composta por diversidades, que em tempos e lugares diferentes os valores e gostos estéticos são diversos também, e que não conhecer o que está fora dos nossos acessos imediatos é um empobrecimento cultural, social e, portanto, identitário.

Tendo essa construção em vista, as professoras de Música e de Literatura e Língua Portuguesa começaram, em 2021, a compartilhar um repertório musical para ser estudado sob as diversas luzes de seus componentes curriculares. Ao todo, cada estudante tem cinco períodos semanais de Literatura e Língua Portuguesa e dois períodos de Música (estes em turma reduzida de quinze pessoas), e é nesses espaços-tempos que o processo vem se dando.

## A identidade

A busca por um conceito-chave surge a partir da estruturação do Projeto de Ensino dos 8os e 9os anos do Colégio de Aplicação da UFRGS. A escola está organizada por Equipes de Trabalho (docentes e técnicos em Educação) que organizam os currículos e montam propostas de acordo com as especificidades da faixa etária de atuação. Veja-se o que está explicitado no Projeto da Equipe Pixel, responsável pelas duas turmas de 8o e as duas turmas de 9o ano da escola:

Em 2015 a Equipe de professores organizou o currículo, oficialmente, em torno de conceitos-chave que aparecem sistematicamente em todos os componentes, tendo em vista a importância dessa organização de conteúdos no processo de ensino e de aprendizagem, pois o fluxo dos conceitos entre um componente curricular e outro fica facilitado, permitindo que os estudantes construam relações de forma autônoma, adequada e qualificada. O conceito-chave dos 8os anos é identidade; agregam-se a ele, compondo o eixo presente em todos os componentes, outros conceitos relacionados, tais como região, espaço, tradição, estética, aparência, padrão de beleza, estereótipo, personalidade, hábitos e cultura (Projeto de ensino da equipe Pixel, p. 18).

Como podemos observar, o conceito de *identidade* perpassa os diferentes componentes curriculares e é trabalhado neles de formas diferentes, mas que acabam dialogando de forma espontânea.

Lamont (2002) explica que ao falarmos sobre identidade dois aspectos precisam ser considerados: como a pessoa se define e se compreende enquanto indivíduo, e como a pessoa se define e se compreende em relação ao outro. Ao levar isso em consideração, o trabalho em sala de aula **a)** ora prioriza as escolhas individuais dos estudantes, **b)** ora se apoia nas escolhas coletivas (compreendendo que nesses momentos estudantes com mais influência sobre os outros possuem voz mais ativa e, portanto, as estratégias de escolha do repertório precisam considerar a totalidade da turma) e **c)** ora se apoia nas escolhas das professoras. Entendemos que a escola é o lugar para exercitar de forma segura e mediada essa dinâmica entre docentes e discentes, individual e coletivo. Em especial nessa faixa etária, com indivíduos muito diferentes entre si e em constante construção e reconstrução identitária, é essencial que cada pessoa possa ter a oportunidade de mobilizar saberes que a levem a ter senso crítico, respeito à diversidade e disposição para conhecer formas de expressão além da sua “bolha”.

Silva (2008, p. 51) afirma que “a música é uma das principais ferramentas utilizadas pelas e pelos jovens para receberem aceitação em grupos de amigos, pelo fato de o grupo e de a identidade individual estarem amplamente centrados nas escolhas musicais”. De fato, percebe-se esse fenômeno social desde o advento do cinema Hollywoodiano como referência mundial de beleza, moda e estilo, a partir dos anos 50, apropriando-se da cultura negra do Rock e transformando-a em uma estética própria de rebeldia branca de classe média. A partir da década de 1960 a televisão é incluída nesse lugar de referência, e o mundo testemunha,



em larga escala e de forma simultânea, as reações emocionais extremas de jovens em plateias de shows e programas de TV em que seus ídolos musicais se apresentavam.

A forma como artistas da Música são vistos e vistas muda de novo na década de 1970, com a Discoteca e a popularização da TV a cores, e radicalmente na década de 1980, com a fundação da MTV nos Estados Unidos: além de músicos, cria-se a expectativa de que artistas POP tenham estética própria e vídeos bem produzidos - de forma a serem admirados e imitados pelo público, em sua maioria jovens em busca de seu lugar no mundo enquanto lidam com uma sociedade em que as gerações anteriores oscilavam entre conservadorismo extremo, por um lado, e movimentos antibélicos e de defesa do meio ambiente e do amor livre, no outro.

Ao realizar uma pesquisa com estudantes de 8o ano, Silva (2008, p. 56) chega à conclusão de que “a escola mostrou-se como uma microssociedade na qual nem tudo o que se pensa pode ser declarado. A música, nesse contexto, desempenhou um papel de poder, demarcando identidades sociais, econômicas, étnicas e de gênero, constituindo-se em uma ferramenta atribuidora de popularidade ou exclusão de jovens e dos adultos com os quais convivem”. Também assim o vemos na nossa escola: estudantes se agrupam em torno de determinados gêneros musicais, desprezam ou criticam fortemente os repertórios das pessoas que são marcadas socialmente vistas como indesejáveis e - num movimento bastante recente, percebido por nós neste ano de 2023 - divulgam produções musicais que eles mesmos consideram sem qualquer valor estético ou emocional, apenas por serem engraçadas (no sentido de *ridículas*).

## A escolha do repertório

No componente curricular Música, ao perceber que as e os estudantes ouviam sistematicamente canções em seus celulares, a professora começou a criar *playlists* a partir de sugestões trazidas por eles e elas no primeiro dia de aula do ano. Cada estudante, ao se apresentar para a turma e para a professora, era convidado a compartilhar com o grupo suas preferências musicais em termos de gênero musical e/ou estilo, e ao final da aula entregar em um bilhete anônimo uma sugestão de música para a criação da *playlist* da turma. Silva (2008, p. 56) afirma que “toda escolha é fruto de uma identidade que está se constituindo e que, por



isso, muitas vezes, tais escolhas musicais serão repensadas, abandonadas e trocadas de forma dinâmica, tal como a constituição das identidades”. Ao montar as *playlists* dos grupos, em que cada estudante sugere uma música de forma anônima, podemos observar esse movimento de seleção, reflexão e mudança pois, ao revisitarmos esse conjunto de músicas ao longo do ano, percebe-se que algumas canções já não fazem mais parte do repertório daqueles estudantes.

Uma vez que o foco do trabalho deste relato é a produção nacional (contexto social, cultural e histórico e influências externas), pareceu-nos adequado que as contribuições para as *playlists* partissem da década de 1960, uma vez que:

-É nesse momento histórico que se estabelece no Brasil a televisão como meio de comunicação de massa que permitirá não apenas a divulgação das canções populares (o que já era feito pelo rádio e, em certa medida, pelo cinema), mas também a divulgação das imagens das e dos artistas e sua presença no dia a dia de cada casa. Constrói-se pela primeira vez uma indústria cultural voltada discursivamente para a família em geral, para a juventude em especial, e que passa a ser associada à identidade nacional - afinal, a TV vai ditar moda, estabelecer músicas de sucesso através das trilhas sonoras de novelas, exibir vídeos musicais ou apresentações feitas especificamente para o seu formato, e divulgar os acontecimentos históricos da Europa e dos Estados Unidos ocorridos na década de 1960.

-A popularização da TV no Brasil é simultânea ao início da Ditadura Militar. Essa mudança drástica na organização dos poderes nacionais é cenário para o surgimento de correntes musicais muito diversas entre si: a autointitulada MPB, que fazia sucesso em festivais, tinha composições refinadas e “tipo exportação”, e mesclava elementos orquestrais com a natureza local - elemento identitário desde o Romantismo, no século XIX; a Jovem Guarda, elevada à condição de estrelato em programas de TV e filmes, e associada à popularidade do Rock norte-americano e inglês; e o Tropicalismo, que buscava a identidade no conceito de *antropofagia* de Oswald de Andrade: a possibilidade de que o Brasil fosse a MPB, com a herança europeia, indígena e africana, mas também a Jovem Guarda e todos os elementos contemporâneos e tecnológicos que estavam surgindo.

O debate musical, como se vê ali, é profundamente político, uma vez que o que está em jogo é a identidade nacional e como ela é representada na produção musical: com quem



a juventude se identificava? Por que vias e demonstrações essa identificação se dava? Que artistas tinham espaço e reconhecimento na TV e a quais era delegado o papel de “polêmico” e, por extensão, *de influência perigosa*?

## Atividades comentadas

Quanto à organização do repertório no decorrer do ano letivo, **dois formatos** já foram testados:

>Nos anos de 2021 e 2022 (2021 em estudos a distância, 2022 presenciais), optou-se pela abordagem por década.

Iniciamos nos anos 1950, apresentando o contexto histórico e social, e características da divulgação musical do período: a predominância do rádio e do cinema, a presença numerosa de canções em italiano, espanhol e francês, o estilo de canto com grande potência vocal admirado nos cantores e nas cantoras do rádio. As décadas seguintes eram estudadas em ordem cronológica, destacando-se novamente o contexto e o tipo de produção. Em 2021 isso foi feito através de videoaulas e materiais disponibilizados nas plataformas de Ensino Remoto na Universidade; em 2022, com a volta à modalidade presencial, acrescentamos audições de canções e artistas de grande apelo popular, assistência a e análise de videoclipes.

Nossa avaliação desse método cronológico foi de que, ainda que a contextualização seja necessária e enriquecedora, e que tenha funcionado bem nos debates em sala de aula, estava se retirando espaço da fruição e da apreciação estética, uma vez que cada artista e produção eram vinculados e analisados como parte de um processo histórico. Havia a possibilidade de que as e os estudantes ficassem com a sensação - uma vez que se trata de 80 ano e nem sempre as relações mais abstratas e extrapolações acontecem de maneira consistente - de que cada época é um universo em si mesmo com fronteiras nítidas e demarcadas, e de que não há movimentos históricos e culturais circulares de retomada e releitura. Poderia, mesmo, parecer que as sementes da inovação e da mudança não estão já presentes em cada movimento e ideologia.

>>>>Desejando testar outras possibilidades de abordagem, neste ano de 2023 construímos um critério de organização que parte das letras das músicas e se comunica de forma mais próxima aos conteúdos previstos no componente de Literatura e Língua



Portuguesa: a influência linguística (vocabular) e cultural (mitológica e de relações sociais) da Grécia Antiga sobre o Ocidente.

Para a seleção de repertório, a professora de Literatura e Língua Portuguesa escolheu um elemento específico da forma de ver o mundo da Grécia da Antiguidade: a inexistência de uma única palavra que possa ser traduzida como *amor*. As opiniões de especialistas variam, mas pode-se considerar que há de 4 até doze palavras diferentes para nomear vínculos que hoje em dia chamamos de “amorosos”. Partindo disso, a professora escolheu 7 dessas palavras (*ágape, philia, filautia, ludus, eros, pragma* e *mania*), trabalhou seus sentidos com as turmas e construiu com a professora de Música *playlists* com canções cujas letras combinavam com o tipo de amor descrito naquele conceito.

Na primeira fase do trabalho, realizada entre março e junho, as e os estudantes tiveram contato com as músicas das 7 *playlists* e apontaram suas favoritas. A seguir foram divididos em grupos (quatro grupos em cada turma de quinze alunas e alunos, com uma *playlist* se repetindo) e receberam uma das *playlists* para estudarem de forma mais detalhada. Essas atividades foram realizadas nas aulas de Música. Em maio e junho, nas aulas de Literatura e Língua Portuguesa, cada grupo selecionou músicas a seu gosto (que deveriam apresentar à turma e explicar por que lhes agradaram); músicas que melhor representam o conceito a que foram associadas (respostas que deveriam ser entregues por escrito à professora de Literatura e Língua Portuguesa, que vai incluir o material nas suas aulas) e sugerir canções do século XXI para serem acrescentadas às *playlists*.

Na segunda fase do trabalho, as e os alunos se dedicaram à execução musical das músicas escolhidas das *playlists*. Foram selecionadas gravações das músicas, observando as tonalidades, que dentro do possível seriam mantidas para que se pudesse tocar junto da gravação. Os alunos e as alunas tiveram a liberdade de escolher a instrumentação da música e montar um arranjo. Após esse período inicial em pequenos grupos de 3 ou 4 pessoas, ao perceber algumas dificuldades técnicas musicais, a professora de música propôs para o grupo que mudassem o repertório por algum tempo, utilizando os ensaios para a execução de uma música com o tema *amor* nos grupos de 15 estudantes. As músicas foram escolhidas e os ensaios iniciaram, seguindo os mesmos passos anteriores. Com essa nova música aprendida, a professora propôs que fossem retomados os ensaios das músicas das *playlists* dos pequenos



grupos, pois naquele momento todos estariam mais familiarizados com os instrumentos, haviam trabalhado coletivamente as questões técnicas e poderiam tocar as músicas dos seus grupos.

A conclusão deste trabalho específico estava prevista para setembro de 2023, com as apresentações de cada grupo (suas canções favoritas de sua *playlist*) e da professora de Literatura e Língua Portuguesa (as canções indicadas pelos grupos como mais representativas daquele tipo de amor) nas turmas, e com uma apresentação musical de cada turma de Música com o repertório selecionado. No entanto, ocorreram mudanças nos ensaios durante as aulas de Música, e se optou por ampliar o repertório de cada grupo e construir um conjunto de músicas a serem apresentadas ao final do ano letivo. Para acompanhar esse novo cronograma, as aulas de Literatura e Língua Portuguesa também incluíram elementos mais diversos da Mitologia Grega e do estudo da etimologia do idioma, reforçando as referências culturais das turmas.

Cabe reiterar que o repertório dos ensaios e apresentações deste ano foi selecionado em conjunto com os e as estudantes, e que foi preciso levar em consideração as dificuldades técnicas de execução de algumas canções. Isso significa que nem toda música que agradava ao grupo *podia ser tocada*. Não consideramos isso um problema - pelo contrário, pois dessa forma ampliou-se a exploração das *playlists*, que incluíam *canções que agradam* e canções que *agradam e podem ser tocadas*.

## Resultados observados até agora e próximos passos

Sem dúvida, um dos maiores ganhos observados até agora é a ampliação de repertório das e dos estudantes e das professoras. Antes da criação das *playlists*, as professoras já tinham feito atividades para conhecer os gostos musicais das turmas, através de sugestões trazidas pelas e pelos estudantes, e algumas das coisas mais atuais não eram de nosso conhecimento. Da mesma forma, canções anteriores aos anos 90 foram reconhecidas, por vezes, através de referências e memes em redes sociais, sem que se soubesse o alcance e a representatividade que tiveram na época, no Brasil. Percebemos que com esse espaço seguro de trocas musicais nas aulas há uma aceitação maior dos e das estudantes para novos repertórios e estéticas musicais trazidas pelas professoras ou sugeridos pelos e pelas colegas.

Nesse ponto cabe também mencionar que essas atividades têm, sistematicamente, possibilitado o diálogo com as famílias. É extremamente frequente que estudantes tragam relatos de ou já terem ouvido aquelas músicas em casa, ou de familiares mais velhos que ficaram emocionados ao perceber que essas canções estavam fazendo parte do repertório da escola. Essa ampliação de repertório dos estudantes favorece suas interações sociais e os auxilia a estabelecer relações interpessoais em diferentes contextos. Familiares e responsáveis em geral manifestam sua alegria por compartilhar canções com as e os adolescentes: resgatar aqueles repertórios é criar um ponto de contato entre gerações que têm encontrado dificuldades para se comunicarem entre si.

O planejamento interdisciplinar tem permitido que as professoras envolvidas na atividade possam trocar informações sobre os pontos fortes e frágeis do repertório cultural - e, portanto, musical - de seus estudantes. Isso tem auxiliado enormemente na percepção de lacunas históricas e, ao mesmo tempo, no reconhecimento da expansão quantitativa das produções à disposição do público na internet, suas características e motivos pelos quais causam engajamento. Esses dados e percepções são compartilhados com o restante do grupo docente nas reuniões semanais e no planejamento de outras atividades, interdisciplinares ou não.

Uma observação que nos impactou - e que encontrou eco junto às e aos colegas - é a dificuldade de concentração das turmas. Para alguns e algumas estudantes, o tempo médio de uma música POP (em torno de três minutos) é demasiado, pois estão acostumados e acostumadas com os recortes utilizados nas redes sociais, ou envolvidos em *trends* como a de escutar músicas em velocidade acelerada. Essa dificuldade não se restringe, evidentemente, à Música, e aparece também na leitura, no tempo de foco em aula expositiva, no incômodo para a realização de tarefas que exijam reflexão e nos sintomas de ansiedade que aparecem quando não se permite o acesso ao celular por mais de alguns minutos. Esse conjunto de sintomas foi debatido com professoras, professores e técnicos em Educação, e tem gerado alertas para a necessidade de estratégias de ensino-aprendizagem que favoreçam a concentração, o desenvolvimento de ideias com explicações e justificativas mais longas e, incluindo outra faceta da questão, a montagem de uma fala com as e os responsáveis quanto à importância de lidar de forma mais saudável com as telas e o acesso à internet. Em relação

a isso, ao longo dos ensaios e com o avanço técnico-musical das turmas, percebeu-se maior envolvimento dos e das estudantes e concentração durante as aulas de Música. Atualmente, os grupos já conseguem executar duas ou três músicas em sequência mantendo o foco, o que não era percebido ao longo do primeiro semestre de aula.

Até o final do ano letivo de 2023 a atividade integrada será finalizada, com as apresentações nas aulas dos dois componentes curriculares. A partir desse resultado final, as professoras vão poder avaliar a experiência do projeto, conhecer a perspectiva dos e das estudantes sobre o impacto da atividade e reconhecer os elementos que funcionam ou precisam ser revistos. O objetivo é verificar se conseguimos qualificar a forma como as turmas de 8o ano do Colégio de Aplicação da UFRGS encaram a produção musical, ou seja, se a fruição e o apelo estético passaram a estar aliados ao reconhecimento das influências contextuais nas canções brasileiras.

Outro ganho importante é a oportunidade de refletir com as turmas sobre a comercialização e a objetificação de artistas, de todos os gêneros e idades, de quem são cobrados determinados comportamentos e, em especial, a construção de uma *persona* pública que mantenha a vinculação emocional de seus fãs - ou, como poderíamos dizer na linguagem de hoje, *seguidores*. Debates bastante relevantes surgem em sala de aula quando se abre espaço para ouvir sobre as preferências e expectativas que cada estudante tem sobre seus músicos favoritos.

## Observações finais

Para Souza (2008, p. 7) “a aprendizagem não se dá num vácuo, mas num contexto complexo. Ela é constituída de experiências que nós realizamos no mundo. Dessa maneira, a aprendizagem pode ser vista como um processo no qual - consciente ou inconscientemente - criamos sentidos e fazemos o mundo possível”. Por isso acreditamos que é fundamental ampliar os horizontes e proporcionar o maior número de experiências estéticas às e aos estudantes, ainda mais em um momento pós-pandêmico, no qual o isolamento social levou à criação de dependências (dos mais diversos tipos e níveis) a redes sociais, aplicativos, *influencers*, e exposição a desinformação e *fake news*.

Há fenômenos que estamos testemunhando com frequência, como ouvir coletivamente músicas atuais que trazem elementos estereotipados, pouca qualidade de letra e arranjo, e/ou elementos de misoginia, racismo e homofobia; essas cenas de grupos de jovens dando gargalhadas em torno de um celular no qual está sendo reproduzida uma canção com arranjo mal feito e letra violenta são cada vez mais frequentes em sala de aula - e, ainda assim, causam estranheza em adolescentes que estão inseridos em contextos mais plurais, e nas próprias professoras. Aqueles que se incomodam com aquela reprodução pública de algo que lhes parece inadequado oscilam entre manifestar abertamente sua opinião, contrariando quem está se divertindo, e aceitar que aquele repertório se tornou comum e rotineiro.

Os debates sobre essas diferenças na apreciação e na acolhida de canções ficam enriquecidos quando se contrasta essas produções consideradas engraçadas com outras de perfil similar que já haviam feito sucesso em décadas anteriores. Surgem perguntas como: por que determinadas ideias e preconceitos reaparecem sistematicamente na sociedade brasileira? Qual a relação entre ritmo, estilo, estética e letra? O comportamento e as escolhas na vida pessoal dos ídolos da música influenciam em sua popularidade, hoje em dia? E em outras épocas, influenciaram? Quem é responsável pela forma como cada artista da música se expressa? Qual a autonomia das e dos artistas para produzir e se manifestar, se há um imenso grupo de apoio, com empresários, produtores e empresas que patrocinam, orientam e exigem sucesso e retorno financeiro? O que acontece com artistas que mudam radicalmente de estilo, têm atitudes vistas como polêmicas e/ou não estão dispostos a sacrificarem sua saúde ou sua liberdade criativa para atender grandes públicos e interesses comerciais?

Consideramos essencial que as e os estudantes passem a observar se seus ídolos reproduzem determinados tipos de comportamento - antiquados e preconceituosos -, ou abraçam a variedade cultural e humana - que é uma das bases para a construção de sociedades não violentas e elemento essencial na maneira como o Colégio de Aplicação da UFRGS entende que deve ser a formação de sua comunidade.

Nesse contexto, acreditamos que é papel da escola promover o processo consciente de experimentação de diferentes estéticas e de compreensão do tempo-espço em que surgem e se desenvolvem, o que refletem, seus ecos e suas heranças. A escola está no mundo; portanto, trazer esses debates para a sala de aula é reconhecer que somos todas



e todos participantes ativos na construção da nossa identidade, da nossa escola, do nosso país e de todos os ambientes por onde passamos.



## Referências

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. 141 p. 144.

LAMONT, Alexandra. Musical Identities and the school environment. In: MACDONALD, Raymond; HARGREAVES, David; MIELL, Dorothy (ed.). *Musical identities*. New York: Oxford University Press, 2002. p. 41-57.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. 120 p. 120.

SILVA, Helena Lopes da. Música, juventude e mídia: o que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem. In: SOUZA, Jusamara (org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 39-57.

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara (org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 7-12.

WILKINSON, Philip. *O livro da mitologia*. Trad. de Bruno Alexander. São Paulo: Globo Livros, 2018. 352 p. 351.

